

Uma fortuna volátil, sem riqueza e lastro

O mercado financeiro internacional (o euromercado) movimenta 75 vezes mais recursos que o comércio internacional de bens e serviços. Somente nas operações cambiais no euromercado são movimentados US\$ 75 trilhões por ano, enquanto no comércio é de apenas US\$ 2,5 trilhões a US\$ 3 trilhões por ano. O grave dessa situação, segundo o advogado Durval Noronha Goyos Júnior, é que o investimento financeiro se desenvolve sem a correspondência efetiva de criação de riquezas que lhe dêem lastro. Os efeitos dessa situação podem ser sentidos, por exemplo, nas drásticas quedas ocorridas nas bolsas de valores internacionais no início desta semana.

Por outro lado, destacou Noronha, "o mundo é o euromercado. Os investimentos estrangeiros no País e a dívida externa brasileira são financiados por ele. Não podemos ignorá-lo apenas por motivos éticos ou morais". Em sua opinião, o Brasil precisa formular com urgência uma política econômica que recupere sua credibilidade no Exterior, a fim de atrair esses recursos que — os investidores externos sabem — têm de ser investidos em atividade produtiva de qualquer maneira.

Mais que isso, Noronha acredita que as empresas e instituições brasileiras devem participar ativamente do euromercado, como forma de manter seus capitais em moeda forte a salvo de depreciações inflacionárias e cambiais e de tribuições. Este último recurso pode ser conseguido através da instalação de empresas comerciais e institucionais financei-

ras nos chamados "paraísos fiscais", cerca de 55 países (entre eles Uruguai, Panamá, Antilhas Holandesas e Inglaterra) que concedem isenção tributária para empresas ali sediadas, mas com compromisso de operação exclusivamente externa.

Ontem, a Noronha Advogados promoveu em São Paulo um seminário sobre os "paraísos fiscais", no qual foram dadas verdadeiras aulas de como criar **holdings** ou **trading companies** nesses países. Noronha não concorda que o Brasil seja prejudicado, em termos de arrecadação, com essa "brecha" permitida pela legislação internacional. Ao contrário, no aspecto comercial, ele acredita que as empresas brasileiras podem melhorar sua participação no mercado mundial a partir de bases internacionais incentivadas por outros governos, e aumentar sua rentabilidade, além de conseguirem agilizar as importações. "Num momento como o atual, uma empresa que possua uma **holding** num paraíso fiscal e, portanto, capital contabilizado fora do país, pode obter os créditos de importação através dessas bases, superando as dificuldades internas para obtenção das guias", exemplificou.

Além disso, apesar de a moeda brasileira não ser conversível em moeda forte no mercado internacional, Noronha afirmou que já existem diversos mercados operando com cruzados, entre eles Miami, Nova York, Londres e Zurique, além dos países fronteiriços, como Uruguai, Argentina e Paraguai.